

Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, na reunião de posse da diretora da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan)

Rio de Janeiro-RJ, 16 de outubro 2007

Senhoras e senhores,

Minha primeira palavra é para trazer ao nosso caríssimo e eminente amigo Eduardo Eugênio, um abraço do nosso presidente Lula. Ele está, hoje, em mais uma viagem ao exterior, está na África, onde está visitando quatro países. Ele gostaria muito de participar da sua posse mas, não podendo, ele me pediu para trazer o seu abraço de congratulações, não só a você como a toda a sua diretoria, pedindo para que vocês realizem, mais uma vez, nesses próximos quatro anos, a continuação do trabalho do (inaudível), e que vem desde os tempos de Artur João Donato, que está aqui hoje representado pela nossa querida Ruth Donato, sua querida viúva, esposa. Eu me lembro muito quando ele começou a obra desta sede. Nós, desde aquele tempo, temos um estreito relacionamento com a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, mesmo porque nós somos mineiros e aprendemos, desde cedo, a pagar tributos aqui no Rio. Meus parabéns e do presidente Lula.

Eu tenho uma nominata.

Excelentíssimo senhor governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Excelentíssimo senhor Eduardo Eugênio Gouveia Vieira,

Excelentíssimo senhor Armando Monteiro Neto, presidente da Confederação Nacional da Indústria,

Excelentíssimos senhores vice-presidentes da Firjan e do Centro das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, que hoje tomam posse: Carlos Mariano Bittencourt, Carlos Fernando Gross e João Lagoeiro Bárbara,

Excelentíssimos senhores secretários de estado,

Excelentíssimos senhores deputados federais e estaduais,

Excelentíssimos senhores prefeitos e vereadores,

Excelentíssimos empresários e representantes de entidades de classe,
Demais autoridades do estado e do município do Rio de Janeiro,
Profissionais da imprensa aqui presentes,
Senhoras e senhores,

É aquela história, nós viemos aqui para a posse e também para assistir aquela exposição, e aprendemos que houve uma entidade que se chamava Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Que beleza de nome. De certa forma é precursora, dentre as entidades que procuram auxiliar a atividade industrial. A atividade industrial, obviamente, é uma atividade ligada às classes produtoras, portanto, é uma atividade de luta, especialmente num tempo em que se valoriza mais as atividades financeiras do que as atividades produtivas. Então, nesse tempo em que nós estamos vivendo, é preciso que estejamos cada vez mais próximos daqueles que representam a indústria, daqueles que representam a produção, porque não podemos permitir que haja transferência dos recursos gerados pela produção, o que vale dizer, pelo trabalho, em benefício do sistema financeiro nacional e internacional. Isso nós temos que continuar lutando.

E quando se fala em classe produtoras, eu não poderia deixar de me lembrar aqui, Eduardo Eugênio, do nosso companheiro de mesa e grande brasileiro, o Eliezer Batista. Nós, em Minas, sempre admiramos e acompanhamos o trabalho que ele tem desenvolvido, e de nosso grande amigo também, que tem história aqui no estado do Rio de Janeiro, não sei se era Rio de Janeiro ou Guanabara, o Rafael de Almeida Magalhães, que também está aqui conosco.

Eu tenho um *paper* que eu vou ler, mas é curto, mesmo porque nós temos um ensinamento de um intelectual, compositor, escritor, poeta de Minas Gerais, chamado Luiz de Paula Ferreira que diz o seguinte: “os discursos devem ser como os vestidos das mulheres, nem tão curtos que nos escandalizem e nem tão longos que nos entristeçam”. Então, o discurso será curto.

Minhas congratulações ao presidente Eduardo Gouvêa Vieira, que neste instante se empossa para mais um mandato, que auguramos seja tão profícuo e brilhante como o que tem acontecido até aqui.

Levamos também o nosso abraço e parabéns a toda a diretoria que neste momento assume os destinos desta Casa, que aprendemos a admirar e a respeitar desde quando conhecemos e convivemos com o saudoso presidente, nosso estimado amigo Arthur João Donato.

Não tenho dúvida de que a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro continuará prestando relevante serviço a todos os que militam na indústria deste estado e, considerando tratar-se do Rio de Janeiro, o exemplo de trabalho aqui desenvolvido servirá como verdadeiro paradigma para todas as entidades co-irmãs de todo o território nacional.

Estamos participando aqui hoje, também, das comemorações dos 180 anos da indústria brasileira. Não apenas por ter a atividade industrial na minha trajetória profissional mas, principalmente, por reencontrar muitos e bons amigos nesta ocasião em que a Firjan e a CNI promovem a exposição “180 anos da Indústria: uma História do Brasil” e o seminário “O Futuro da Indústria”.

A atividade industrial representa um marco histórico no desenvolvimento econômico e social do Brasil e encontra nas suas atividades representativas a força do associativismo, desde a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, fundada em 19 de outubro de 1827, até a Confederação Nacional da Indústria, organização empresarial prestes a completar 70 anos, que atua para promover um ambiente favorável aos negócios, à competitividade e ao desenvolvimento da economia nacional.

Ao longo da história, notáveis industriais promoveram o fortalecimento do setor e o crescimento do País, como o grande empresário e diplomata Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, símbolo dos empreendedores brasileiros do século XIX, com quem me orgulho de ter uma identificação pessoal. Por quê? Porque ele também, só que antes de mim... eu fui trabalhar numa loja aos 14 anos, era uma loja de tecidos, e ele foi aos 11 anos, numa loja de tecidos. Então, vejam bem, Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, foi balconista de uma loja de tecidos como eu também fui. E eu hoje estou... eu não posso mais contar para os meus netos a vantagem do que fiz, porque quando escreveram este discurso, me contaram isso, que ele foi numa loja de tecidos, me trouxeram o texto que haviam extraído da história. Na loja de tecidos, aos 11 anos. Eu fiquei envergonhado porque eu fui aos 14 anos, contava prosa de que fui aos 14, e ele foi aos 11.

Notável empresário industrial, banqueiro, político e diplomata, nascido em Arroio Grande, município de Jaguarão, no Rio Grande do Sul, Irineu Evangelista de Souza, órfão de pai, viajou para o Rio de Janeiro em companhia de um tio, capitão da Marinha Mercante, e empregou-se como balconista aqui. Este é o trecho da história. E empregou-se como balconista da loja de tecidos, passando a trabalhar na firma importadora de Ricardo (inaudível) e este lhe ensinou inglês e lhe ensinou também contabilidade e a arte de comerciar. Vejam que homem inteligente, ensinou comunicação e contabilidade para o sujeito, porque não se administra sem informação. e o instrumento principal de administração, portanto, é a contabilidade, porque o balanço é o retrato da empresa.

Quer dizer, aqui começa a história pela qual o Barão de Mauá foi o que foi. Aos 23 anos tornou-se gerente e, logo depois, sócio da firma. Ele fez, em 1840, uma viagem à Inglaterra em busca de recursos, convencendo-se de que o Brasil deveria caminhar para a industrialização naquele tempo. Fundador da indústria naval brasileira, em 1846, o Barão de Mauá foi também banqueiro, político e pioneiro no campo dos serviços públicos. Isso ainda me falta porque preciso copiar ele, e eu ainda não fui banqueiro. Com uma lista de extraordinários serviços prestados à Nação, como a fundação de uma companhia de gás para iluminação pública do Rio de Janeiro, isso em 1851; a implantação da primeira estrada de ferro da Raiz da Serra à cidade de Petrópolis, em 1854; a inauguração do trecho inicial da União Indústria, primeira rodovia pavimentada do País, entre Petrópolis e Juiz de Fora, isso em 1854, dentre outras iniciativas. O espírito empreendedor de Irineu Evangelista de Souza serve de inspiração para os industriais brasileiros, pois a atividade industrial deve estar e está diretamente vinculada ao crescimento de uma região e da efetiva contribuição ao desenvolvimento sócioeconômico do País ao promover a geração de negócios e ampliação do mercado de trabalho.

De forma crescente e responsável, o setor industrial brasileiro se conscientiza de que o custo do crescimento não pode ser pago com a destruição do meio ambiente. Essa consciência levou o empresariado a adotar a política do desenvolvimento sustentável, enquanto o governo dedica-se a implementar políticas públicas voltadas para a gestão ambiental. Esse tripé formado por indústria, governo e sociedade reforça as iniciativas no sentido de

ampliar as perspectivas no setor, o uso do melhor da tecnologia em busca da sustentabilidade e a geração de oportunidades comerciais e de grandes investimentos com qualificação do trabalho, elevando ao máximo o potencial competitivo das indústrias de todos os tamanhos.

É aquela história, nunca é demais lembrar: a empresa, de fato, é um bem para a comunidade, seja ela de que tamanho for, pequena, grande, micro, média, gigantesca, estatal ou privada, nacional ou multinacional. A empresa é um bem da comunidade porque ela é um fração da economia do País. A economia é representada pelo que? Pelo setor primário, secundário, terciário e infra-estrutura. Isso é emprego, isso é o que representa esses quatros setores. E as empresas, portanto, não são importantes apenas porque geram empregos e pagam impostos. É claro que elas são importantes por isso, mas antes elas são importantes porque são frações da economia como um todo. Nós queremos uma economia próspera, forte, independente, para isso é preciso que suas frações o sejam. Para que nós queremos essa economia próspera, forte, independente? Para que se alcancem os objetivos sociais, daí a razão pela qual nós temos que, cada vez mais, num momento como este, em que se empossa uma diretoria para prosseguir esse trabalho admirável desenvolvido pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, é preciso que nós estejamos perto, que nós estejamos de braço dados, porque aqui é uma entidade que representa uma atividade empresarial das mais importantes, portanto, representa várias, milhares de frações da economia brasileira.

E assim é que nós estamos aqui para lhes trazer o nosso abraço de parabéns, cumprimentar todos vocês que estão enfrentando uma nova etapa e dizer para vocês: vão em frente, porque o presidente Lula para alguns, até surpreendentemente, não para mim, que já o conhecia, mas para alguns, até surpreendentemente, repito, tem demonstrado um apreço extraordinário pela economia do País, portanto, por cada uma das frações dessa economia, por isso ele estima as empresas, ele ajuda, ele aplaude o progresso, aplaude o lucro. Um líder sindical de esquerda, ele aplaude o lucro e condena o prejuízo. Então, ele está nos ensinando, a nós empresários, porque às vezes temos vergonha de falar que houve lucro, isso é uma coisa errada que há na mentalidade do brasileiro. O Lula, que vem de onde veio, nos ensina a aplaudir a prosperidade, porque ele sabe que a prosperidade da empresa significa a

prosperidade da economia do País. É assim que eu venho aqui, em meu nome pessoal e em nome dele, para lhe trazer um abraço de congratulações e os melhores votos para que você seja tão feliz como tem sido, em benefício de toda a atividade que você representa neste grande estado que é de todos nós.

O padrão de qualidade não é apenas o produto final da indústria. É uma cadeia produtiva sem danos ao ecossistema e às gerações futuras, que satisfaça as exigências do momento atual sem perder o rumo do futuro, pelo desperdício ou pela agressão ao meio ambiente.

Esse é o verdadeiro futuro da indústria, tema central do seminário de hoje. Por isso, senhoras e senhores, saudando os eminentes empresários aqui presentes, transmito-lhes votos de que o seminário “Futuro da Indústria” produza resultados positivos e proveitosos para o setor, e cumprimento os organizadores da exposição “180 Anos da Indústria: Uma História do Brasil”.

Reitero os meus cumprimentos aos companheiros Eduardo Gouvêa Vieira e Armando Monteiro Neto, não só presidente da Confederação Nacional da Indústria, como deputado federal, representando um dos mais tradicionais estados da Federação, que é o estado de Pernambuco, que nos oferece essa oportunidade de estarmos aqui comemorando, em elevado estilo, o desenvolvimento da indústria brasileira. Esse acontecimento marca um verdadeiro novo tempo, em que se estimula, de modo admirável, a nobre atividade industrial.

Parabéns à Firjan, parabéns à CNI. A oportuna iniciativa ressalta o setor como fator de trabalho, agente de transformação, instrumento de progresso e desenvolvimento de uma nação.

Muito obrigado.